

Resenha Bibliográfica

UM DIPLOMATA AUSTRIACO NA
CÔRTE DE SÃO CRISTÓVÃO (à margem
do Diário do Barão de Hübner)
Brasil-Uruguai-Argentina de 1882.
Por Roberto Mendes Gonçalves. Con-
selho Federal de Cultura, 1970
174 p. il.

A publicação truncada e mutilada do Diário do Barão de Hübner é o exemplo mais revoltante da arbitrariedade intelectual. Imbuídas de falsa suscetibilidade, certas pessoas pensam ser **donas da verdade** e, assim, **post-julgam** a conveniência ou inconveniência de certas publicações sobre o nosso passado, como se essa atitude **varresse** qualquer situação anterior e real.

Roberto Mendes Gonçalves, que prometera há alguns anos, a publicação integral do Diário, justifica-se dizendo que "pensou-se, em diversos círculos abordados, que era inoportuna a publicação, pois êle continha apreciações cuja divulgação na íntegra não era conveniente"; mais adiante reforça o argumento, dizendo que omitiu "apenas, além das passagens que não dizem respeito à América do Sul, as observações consideradas, no **momento**, excessivamente inconvenientes" (o grifo aqui é do autor).

A mutilação não é só nos cortes. O nosso **colaborador** resolveu dar outro caráter pessoal à obra, pois o seu livro é confuso até na página de rosto: o nome de Roberto Mendes Gonçalves aparece no alto, como se fôsse o autor; o subtítulo do livro é **A Margem do Diário do Barão de Hübner**, dando a entender que o Diário é motivo para um estudo maior. Porém, tirando certas notas ou reproduções do próprio Barão de Hübner, o que temos é o resumo e a transcrição das páginas do Diário. Se o nosso **organizador** truncou e resumiu a obra, no que merece a glória de aparecer no alto

da fôlha de rosto, como autor? O que temos não é só um equívoco, mas uma trágica **comédia de erros**.

O Barão de Hübner, nascido em Viena em 1811, foi embaixador em várias côrtes européias e amigo do Imperador Francisco José. Visitou a América do Sul em 1882, permanecendo mês meio no Rio de Janeiro e São Paulo, indo depois ao Uruguai e Argentina. Nas poucas transcrições que aparecem, temos idéia do valor das anotações do Barão. O velho diplomata, bastante viajado e experimentado, sabia julgar com certa imparcialidade os fatos, o que torna as suas notas seguras e argutas.

Suas entrevistas com D. Pedro e o Conde D'Eu mostram algumas das preocupações existentes na Côrte: movimento republicano, guerra do Paraguai, govêrno constitucional, etc. O conceito de República é visto de forma confusa pelo Imperador, pois êle "falou-me longamente das possibilidades da República. Admite que a forma republicana poderá perfeitamente convir ao Brasil", mas, de maneira esdrúxula, "é inimigo do sufrágio universal"; o Conde D'Eu, no entanto, acha que devesse combater essa tendência. Por outro lado, D. Pedro "é Imperador constitucional, dizia êle, mas é bem triste, acrescentou, ser Imperador constitucional. Com isso concordei inteiramente. Mudo, diz êle, os Ministros, de acôrdo com a vontade das Câmaras e algumas vêzes, consultando minha vontade, porque é preciso manter a balança igual entre os conservadores e os

liberais e conceder a cada um dêles, alternadamente, um período de poder. Do contrário, o partido excluído poderia zangar-se e cometer atos desagradáveis". Em outra hora, diz que "eu deixo andar a máquina. Ela está bem montada e nela tenho confiança. Somente quando as rodas começam a ranger e ameaçam parar, ponho um pouco de graxa".

A bem montada "máquina" de D. Pedro, na verdade, é cheia de defeitos. Em poucas palavras, o Barão de Hübner anota algumas inconveniências desse sistema: na vida administrativa, a pouca duração do presidente de província, por razões políticas, impede-o de estudar e "conhecer a província"; "sabendo que não ficará muito tempo no Governo não tem nenhum interesse em estudar a província ou preparar empresas úteis...; os Presidentes não foram educados na escola administrativa. São advogados, redatores de jornais transformados em deputados que o Presidente do Conselho no poder nomeou Presidentes".

O Conde D'Eu vê com olhos realísticos a Guerra do Paraguai: a luta representou grande dívida para o Brasil e destruiu-se o Paraguai "que era um contrapêso a impor às veleidades ambiciosas da República Argentina". Uma das conseqüências secundárias do conflito é o aumento do exército e, depois, o seu abandono pelo Governo. O Conde "disse-me que o Imperador não quer ouvir falar do aumento do exército, por causa das finanças", o que não impede que a marinha seja melhor tratada do que o exército.

O Barão anota, em São Paulo, alguns dos problemas fundamentais da província: "em São Paulo (cidade), dominam os imigrantes estrangeiros. Depois dos portugueses, que são os mais numerosos e se entregam aos trabalhos domésticos de todo o gênero, desempenhando o papel dos irlandeses nos Estados Unidos da América, vêm os italianos, dos quais há mais de 12.000 nesta cidade. Dedicam-se ao pequeno comércio e são também cultivadores".

À instalação da São Paulo Railway significa início de revolução para a capital da província: o Barão mostra que só nos últimos nove anos instalaram-se 5 grandes casas de exportação (sic); "São Paulo tornou-se assim, o centro da parte habitada e em grande parte cultivada da província do mesmo nome; libertou-se de Santos e do Rio de Janeiro, recebendo essas cinco casas as mercadorias diretamente da Europa".

As visitas que faz às fazendas da Mogiana e a Itu fornecem-lhe muitos dados interessantes: as melhores terras, "a terra roxa (...) está concentrada em mão dos fazendeiros que não a querem vender". O Conde de Três Rios, um dos grandes fazendeiros, é um dos mais ricos proprietários da

província. É dono da fazenda de Santa Gertrudes. É pitoresca a descrição que faz do proprietário: "bom tipo de plantador de outros tempos, grande senhor, a seu modo, bonacheirão, com maneiras de dono de casa, fala pouco, mas sorri abertamente"; "o Conde (...) possui 400 escravos, dos quais 250 em Santa Gertrudes e 150 numa outra fazenda. Diz-se que sua renda anual dessas duas plantações é de mais de meio milhão de francos. Tem boa casa em São Paulo e outra em Campinas e não reside habitualmente nas fazendas, mas as visita frequentemente". E aqui, outra nota fundamental: o Conde "disse a Gorceix [companheiro de viagem do Barão e Diretor da Escola de Minas, de Ouro Preto] que prevendo as grandes perturbações que resultarão da emancipação dos escravos, colocou e continua a colocar fundos na Europa".

A descrição pormenorizada de outras fazendas de café, o problema do domínio estrangeiro sobre o comércio importador e exportador (Bahia, Pernambuco, São Paulo e Rio) — e algumas correlatos na Argentina e Uruguai — são outras ricas informações dadas pelo Barão de Hübner. Infelizmente, só parte desse depoimento é revelado ao público, devido a **suscetibilidade** do Sr. Roberto Mendes Gonçalves.

EDGARD CARONE

O RIO DE JANEIRO VISTO POR DOIS PRUSSIANOS EM 1819

Por T. von Leithold e L. von Rango. Trad. e anotação de Joaquim de Sousa Leão Filho. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1966. 166 p. il.

Leithold e Rango, que eram parentes, vieram ao Brasil para tentar ganhar a vida. Depois de uma série de peripécias e desilusões, os dois voltam para a Alemanha, onde cada um dêles escreve suas recordações sobre a vivência no Rio de Janeiro. A feliz idéia de publicar os relatos permite-nos acentuar o conhecimento da capital do país e dos seus problemas sob D. João VI, além de revelar fatos não assinalados por outros autores. Apesar de rica em depoimentos — Watz, Chamberlin, Padre Perereca, Santos Marrocos, Maria Graham — esta época ainda é mal estudada sob os aspectos sociais e econômicos em geral. E, obras da valia de Leithold revelam ao público uma série de facetas fundamentais: daí a sua utilização por Oliveira Lima, em seu **D. João VI no Brasil**. Porém, como diz o tradutor, a obra de Rango não era conhecida do nosso historiador, o que mostra que muita coisa está para ser aproveitada ainda.

De valor desigual, as memórias de Leithold são mais extensas e ricas

em observações, apesar de notas duvidosas ou parciais. A sua estada breve leva muitas vezes o autor a certos exageros positivos ou negativos, mas os senões não desmerecem a obra. Assim, sua permanência de meses permitiu-lhe analisar, de maneira breve, não só a cidade do Rio de Janeiro, mas o seu comércio, suas classes sociais, o funcionamento da côrte, as atividades dos estrangeiros, etc.

É verdade que outras obras de contemporâneos estrangeiros já nos revelaram certos traços fundamentais do problema de classe na época: Succock mostrara com mais minúcias e penetração estas questões, mas os dados fornecidos por Leithold ajudam a completar essa visão. O autor tem consciência do problema de classe e hierarquia, assinalando continuamente os padrões diferenciais: "além dos escravos, poucos são os que andam a pé. Quem se respeita, mesmo de posses modestas, só sai a cavalo ou de carro" (p. 27). Outro traço, observado às vezes com exagero, é o do luxo: "há relativamente muito mais luxo aqui do que nas mais importantes cidades da Europa. Com dinheiro compram-se artigos da moda, franceses e ingleses; em suma, tudo. O mundo elegante veste-se, como entre nós, segundo os últimos modelos de Paris. Os homens, apesar do grande calor, usam casacas e capas das mais finas telas e meias brancas de sêda. Poucos comerciantes de recursos conheci que não fizessem suas casacas com panos prêtos de uma qualidade por mim nunca vista, igual à sêda. Também trazem as chamadas capas escocesas importadas da Inglaterra".

A descrição das roupagens faz parte do contexto maior sobre a vida da mulher, da côrte e seu fausto, etc. O autor é rico em detalhes, que vão do beija-mão até o comportamento dos indivíduos das classes dirigentes. A respeito do costume de reverenciar o Rei, Leithold faz uma descrição completa sobre o seu significado social na época: "para o beija-mão, enfileiraram-se do lado esquerdo da entrada: generais, ministros, conselheiros, sacerdotes, em suma, gente de tôdas as classes, pois todos têm o direito a participar, sem distinção, da cerimônia desde que apropriadamente vestidos. Quem não tem direito a uniforme, enverga casaca preta, colête branco, calções e sapatos prêtos; traz um sabre recurvo e dourado, do comprimento de um pé, e **chapeau à claque**, sob o braço. Assim, sem diferença, apresentam-se todos, menos os que não são fidalgos, isto é, professores, artistas, negociantes e artesãos, etc., que não têm direito a espadim".

Outro complemento importante é o que dá sobre atividades produtivas, feitas por estrangeiros e nacionais: os primeiros exemplificam com nomes e profissões dos que exercem suas